

O CEBREIRO > TRIACASTELA

21,8 km
154,7 km a Santiago por San Xil
161,7 km a Santiago por Samos

Igreja de Santa Maria a Real, O Cebreiro



O QUE VER



O Cebreiro é a porta de entrada do Caminho na Galiza. Na subida deixámos para trás O Bierzo, o rio Valcarlos e topónimos como Herrerías, que mantêm a memória de uma antiga indústria local. O Cebreiro é uma aldeia de origem pré-romana, pertencente ao concelho de Pedrafita do Cebreiro e à província de Lugo. Está situada a 1300 metros de altitude, o que nos permite desfrutar de panorâmicas extraordinárias da sedutora paisagem galaica, com velhas montanhas e perfis suaves.

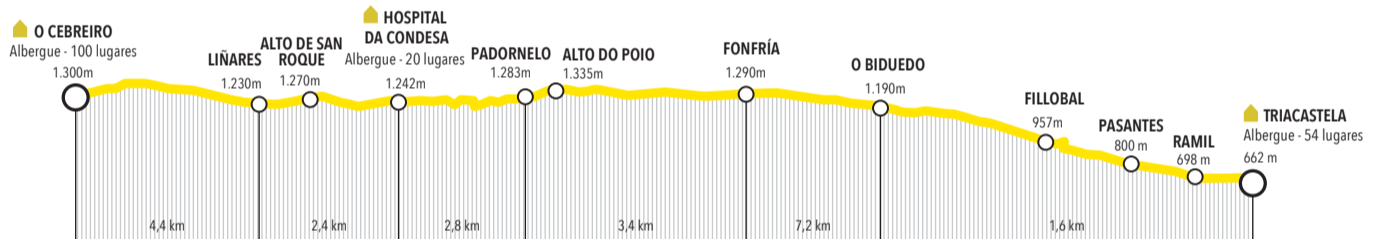
O pároco mais famoso deste lugar, Elias Valiña (1929-1989), empreendeu nos anos 1980 a sinalização, com setas amarelas, de todo o trajeto desde França até Compostela. Desde então, a seta amarela é símbolo do Caminho.

Do ponto de vista natural, O Cebreiro faz parte de um Espaço de Interesse Comunitário, pertencente à Rede Natura que engloba os sistemas montanhosos dos Ancares e do Courel, duas valiosas amostras de riqueza paisagística e etnográfica.

Neste troço atingimos a altura máxima do Caminho Francês na Galiza, o porto do Poio, com 1335 m de altitude. Antes e depois do cume, aldeias que surgiram ao amparo do Caminho como Hospital da Condesa, Padornelo, O Biduedo, Fillobal, Pasantes ou Fonfria, e frondosos bosques autóctones.

No Cebreiro, o santuário de **Santa Maria a Real**, templo de origem pré-românica (séc. IX-X) ligado à lenda do Santo Graal. O conjunto de **palhaços** – habitações pré-romanas de forma circular, a uma delas funciona como museu etnográfico. E do ponto de vista gastronómico, o queijo do **Cebreiro**, famoso produto com Denominação de Origem.

Neste troço passa-se por várias aldeias com uma profunda tradição jacobea, entre elas: **Hospital da Condesa**, que lembra o centro fundado em fins do século IX por D. Egipto, e a aldeia de **Padornelo**, onde se instalou a hospitalar Ordem de S. João de Jerusalém.



TRIACASTELA > SARRIA

18 km por San Xil
25,1 km por Samos
132,9 km a Santiago por San Xil

Igreja de Santiago de Triacastela



O QUE VER



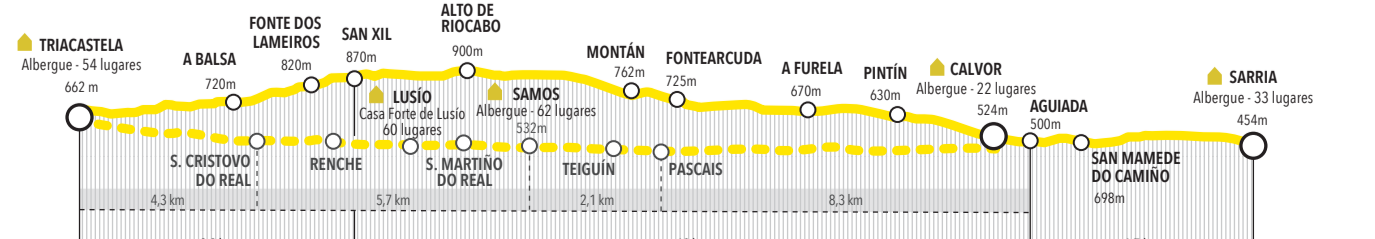
A Galiza mais genuína, com toda a sua magia de bosques milenares e arquitetura popular, seduz-nos especialmente neste troço.

Triacastela – topónimo segundo parece proveniente de “três castros” (que são assentamentos pré-romanos) – já figurava no *Códice Calixtino* como ponto final de uma das etapas do Caminho Francês. Aqui foi dada hospitalidade e houve inclusive prisão para peregrinos; de tudo isto se conservam vestígios.

À saída de Triacastela temos duas opções: continuar diretamente para Sarria através de uma série de aldeias típicas de forte tradição jacobea – A Balsa, S. Xil, Montán, Pintín, Calvor e S. Mamede do Camiño – e pelas paisa-

gens, ou então desviamos-nos para sul até alcançarmos o mosteiro beneditino de Samos, que foi a primeira comunidade monástica a seguir o ideário ascético dos monges coptas do deserto (século VI) e que atualmente ainda mantém ativa a sua antiga hospedaria.

Sarria é, com os seus 8500 habitantes, a localidade mais povoada do Caminho Francês na Galiza. Aqui faleceu em 1230 o seu fundador, o rei Afonso IX – também fundador de Triacastela – quando peregrinava para Santiago. O renome de Santiago de Sarria já era uma realidade no início do séc. XIII, quando o seu hospital de peregrinos foi construído.



SARRIA > PORTOMARÍN

22,2 km
114,9 km a Santiago

Convento da Meré, Sarria



O QUE VER



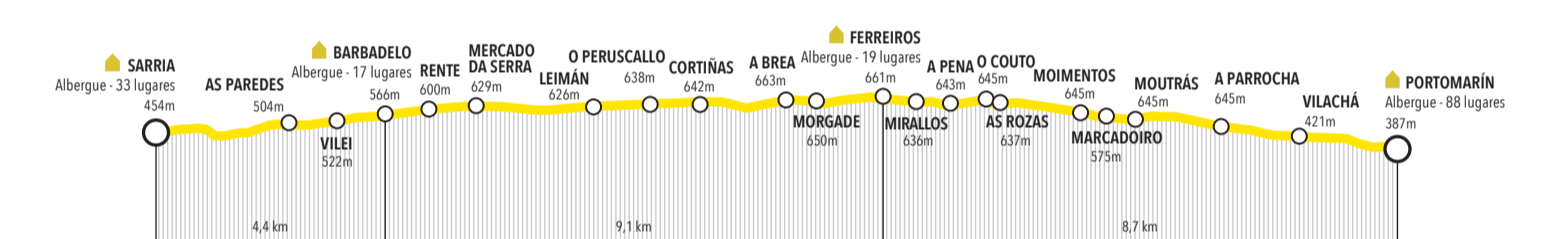
O conjunto de bosque e arte monumental continua sendo destaque durante a Rota. Saído de Sarria, cruzamos por bosques autóctones de carvalhos e paisagens rurais de grande atrativo. A rota, que passa por Barbadoelo tem um itinerário alternativo em direção reta para Ferreiros. Já no município de Paradelas, passamos pela localidade de As Cortes. A igreja primitiva – atualmente conhecida por Santa Maria de Loio – foi a casa-mãe da Ordem de Santiago da Espada, fundada em 1170 na Extremadura espanhola.

A dupla condição de clérigos e cavaleiros que os membros da Ordem de Santiago ostentavam provém preci-

samente desta fusão entre a comunidade guerreira de Cáceres e os cônegos de Loio.

Na descida até ao rio Minho chegamos a Portomarín. A povoação que agora se ergue à seguir ao leito fluvial foi reconstruída nos anos 1960, dado que a antiga, medieval, jaz sob as águas da barragem de Belesar. Para a nova povoação foi transferida, pedra a pedra, a igreja-fortaleza de S. Nicolau ou de S. Xoán – que pertencia à Ordem de S. João de Jerusalém, depois chamada Ordem de Malta – e também a fachada da igreja de S. Pedro e um dos arcos da ponte romana, atualmente junto à ermida de Santa Maria das Neves.

As igrejas românicas de Santiago de Barbadoelo e de Santa Maria, esta na aldeia de Ferreiros. A barragem de Belesar, que nos permite ver (principalmente no verão) as ruínas submersas do velho Portomarín, entre elas a antiga ponte romano-medieval sobre o rio Minho. Na povoação atual, a igreja românica de S. Pedro e, sobretudo, a de S. Nicolau (atualmente de S. Xoán), construída por uma oficina de discípulos do Mestre Mateo. Portomarín produz uma das aguardentes (o licor obtido por destilação do bagaço da uva) mais reconhecidas da Galiza, que é objeto de celebração com festa anual.



PALAS DE REI > MELIDE

14,6 km
67,7 km a Santiago

Igreja de Santa Maria de Melide



O QUE VER



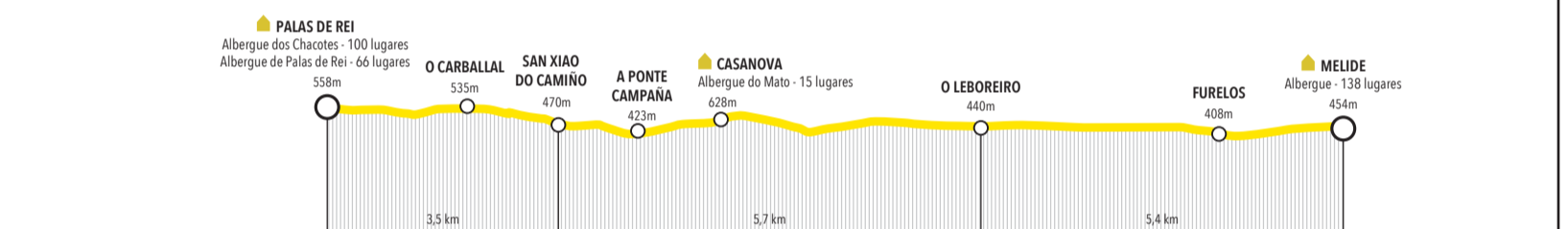
O Caminho continua recolhido pela frondosidade dos bosques e simultaneamente aberto à surpresa dos seus monumentos – como o castelo de Pambre ou o centro histórico de Melide. Estamos na região da Ulloa, imortalizada pela escritora Emilia Pardo Bazán no seu célebre romance *Los pazos de Ulloa* (1886).

Abandonamos Palas de Rei pelo Campo dos Romeiros, lugar de encontro de peregrinos onde tradicionalmente se reencontravam os grupos que, espontaneamente, se tinham formado no decurso da peregrinação. Para chegar ao castelo de Pambre – singular fortaleza sobrevivente das revoltas sociais dos *irmandiños* contra

os senhores feudais (séc. XV) – é necessário fazer um pequeno desvio. De regresso, entramos já na província da Corunha e alcançamos as aldeias do Leboreiro, Deseocabo e Furelos, onde a beleza da paisagem nos cativa.

Melide (450 m) é centro geográfico da Galiza e tem uma profunda tradição jacobea. Aqui, o Caminho Francês recebe os peregrinos do trajeto mais antigo, o Caminho Primitivo. A monumentalidade do seu centro histórico é hoje em dia testemunho do esplendor das peregrinações. A sua origem talvez seja romana. Foi repovoada no século XIII pelo rei Afonso IX.

O castelo de Pambre, construído por Gonzalo de Ulloa. Aberto ao público desde 2010. A igreja de traçado românico do Leboreiro: destaca-se o timpano da fachada e as pinturas murais do séc. XVI. Em Furelos, magnífica ponte medieval. No centro histórico de Melide destaca-se a fachada da igreja românica de S. Pedro, um cruzeiro gótico dos mais antigos da Galiza (séc. XII), Santa Maria de Melide e a igreja de Sancti Spiritus (séc. XIV-XV); o Museu Terra de Melide, etnográfico. Os queijos com denominação de origem Arzúa-Ulloa e os melindres (roscas). A cerca de 8,5 km, fora do Caminho, a igreja pré-românica de Toques (séc. XI).



MELIDE > ARZÚA

14,3 km
53,1 km a Santiago

Albergue de Ribadiso, Arzúa



O QUE VER

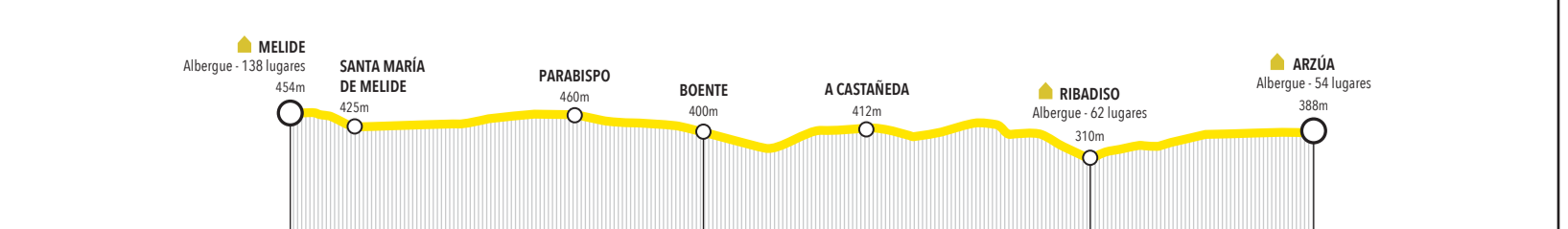


Ao sair de Melide passamos por duas localidades com uma grande tradição jacobea: Boente, com templo paroquial dedicado a Santiago, e A Castañeda, onde Ayméric Picaut, autor do Livro V do *Códice Calixtino*, localiza os narros de cal para as obras da Catedral que os peregrinos mais significativos da Galiza. Tem planta baixa de cruz latina com três absides abobadadas. Sobressaem as pinturas murais da abside central, datadas do Ano Santo de 1434. No interior, vários sepulcros de cavaleiros da Ordem de Santiago. E novamente no trajado do Caminho, Palas de Rei: a vila conserva a fachada românica na moderna igreja de S. Tirso.

Uma ponte de origem medieval permite-nos cruzar o rio Iso. A primeira casa à direita, junto ao próprio leito, foi

sede do hospital de Ribadiso, o último espaço histórico que se manteve aberto no Caminho Francês ao serviço dos peregrinos. Foi reabilitado em 1993 e reaberto nesse Ano Santo como albergue de peregrinos. O ambiente natural em que está enquadrado é de uma grande beleza. Chegamos à vila de Arzúa (388 m). O Caminho Francês recebe aqui os peregrinos provenientes do Caminho do grande empreendimento da construção do templo e também manifestava essa união de forças e solidariedade que o Caminho fixa em cada ato de peregrinação.

Alcancamos o Monte do Gozo (380 m), pequena elevação onde os peregrinos desfrutavam, pela primeira vez, de uma longínqua visão da catedral. Nos grupos de peregrinos proclama-se “rei da peregrinação” o primeiro a atingir o seu cume. Em 1993 foi aqui construído um grande albergue.



ARZÚA > ARCA (O PINO)

18,5 km
38,7 km a Santiago

Eremitério de Santa Irene, O Pino



O QUE VER

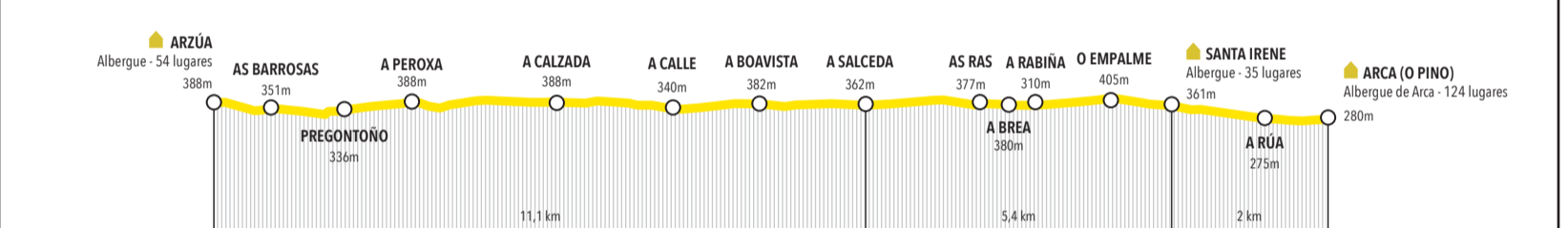


A partir de Arzúa enfrentamos os últimos quilómetros do Caminho: 38,7 ao todo. Dividi-los-emos em duas etapas, de 18,5 e 20,2 km, respetivamente. Há quem aposte em fazer o restante trajeto num só dia, pernitando no albergue do Monte do Gozo mas é aconselhável que se façam duas etapas, com descanso em Arca.

Sairmos da vila de Arzúa pela rua do Carme. Nesta etapa teremos alternância de paisagem de bosques com paisagem de prados (carvalhos, eucaliptos, pomares e campos de lavoura) com troços pelo asfalto da estrada Nacional 547. É necessário um cuidado especial com os veículos, dado que será necessário atravessar a estrada várias vezes.

Atravessamos os rios Vello e Brandeso, e depois várias aldeias: Preguntoño, A Peroxa, algumas com ressonância de Santiago como A Calzada, A Calle, Ferreiros – novamente a referência ao velho ofício dos que, entre outras funções, arranjavam as ferraduras dos cavalos –, A Salceda, Santa Irene – onde há albergue de peregrinos – e A Rúa, já às portas de Arca, capital do município do Pino, o último concelho antes de Compostela. Ao longo de toda a etapa encontraremos bares ou tabernas onde é possível tomar algo e fontes para nos refrescarmos.

Na aldeia de Santa Irene, ermida dedicada à santa mártir portuguesa, construída graças à contribuição de dois nobres (séc. XVIII). É a “fonte santa” (séc. XVII): as suas águas têm, de acordo com a tradição, propriedades curativas para a pele. O Pedrozo é o núcleo principal da freguesia de Arca (O Pino). Povoação de serviços junto à N-547, tem uma variada oferta hoteleira. Ao longo do ano organizam-se aqui feiras de gado, festas gastronómicas, amostras equestres e concertos de bandas populares ou música folk.



ARCA (O PINO) > SANTIAGO

20,2 km a Santiago

Praça do Obradoiro, Santiago de Compostela



O QUE VER



Deixamos a freguesia de Arca e passamos por eucaliptais e aldeias como Santo Antón ou O Arrenal, numa subida que nos levará ao núcleo da Lavacolla, nas imediações do aeroporto de Santiago. Aqui, os peregrinos tinham por costume lavar o corpo todo no riacho que passa pelo local. Com efeito, a etimologia de “Lavacolla” derivaria de uma lava colea, em desatada referência à higiene dos órgãos genitais.

Alcancamos o Monte do Gozo (380 m), pequena elevação onde os peregrinos desfrutavam, pela primeira vez, de uma longínqua visão da catedral. Nos grupos de peregrinos proclama-se “rei da peregrinação” o primeiro a atingir o seu cume. Em 1993 foi aqui construído um grande albergue.

Faltam 5 km de descida. O Caminho entra na cidade pelo bairro San Lázaro; a esquerda fica o bairro das Fontiñas (nas imediações, ampla oferta de restaurantes e serviços). Mais à frente, a rua dos Concheiros, antigo bairro dos artesãos que comercializavam conchas de vieira, e o histórico e genuíno bairro de San Pedro, por onde a rota desce até a Porta do Caminho. Continua, já no seu último troço, por ruas pedonais e praças como Casas Reais, praça de Cervantes e A Acibeberia, por onde se acede à basílica – o acesso alternativo, em Ano Santo, será a Porta Santa na Quintana.

O Monte do Gozo oferece uma excelente panorâmica da cidade. O Pavillón de Galicia, no bairro de S. Lázaro. O Museu do Pobo Galego. O Panteão de Galegos Ilustres contíguo ao Museu, na única igreja gótica da cidade. O Centro Galego de Arte Contemporânea (CGAC), obra do arquiteto português Álvaro Siza. A capela das Ánimas, com os seus retábulos neoclássicos; a praça de Cervantes, onde esteve localizada a Câmara Municipal até fins do séc. XVIII. O Museu da Casa da Troia, a célebre pensão de estudantes de inícios do séc. XX, e o mosteiro de S. Martiño Pinario.

